

CISION



Global Media Intelligence

PRESS BOOK

**recolha imprensa Fórum Violência Doméstica -
06.04.2010**

1. (PT) - Diário de Coimbra, 06-04-2010, Empresários dispostos a ajudar no combate à violência doméstica 1
2. (PT) - Diário As Beiras, 06-04-2010, Violência doméstica e condições de trabalho 2
3. (PT) - Destak.pt, 06-04-2010, Elza Pais: combate também é factor de competitividade 3
4. (PT) - Jornal de Notícias Online, 07-04-2010, Vítimas gastam mais 140 euros em saúde 5
5. (PT) - Jornal de Notícias, 07-04-2010, Vítimas gastam mais 140 euros em saúde 7
6. (PT) - 24 Horas, 07-04-2010, Violência doméstica custa dinheiro 8
7. (PT) - Diário As Beiras, 07-04-2010, Empresas dizem não à violência 9
8. (PT) - Diário de Coimbra, 07-04-2010, Combater violência doméstica contribui para a competitividade 10



Empresários dispostos a ajudar no combate à violência doméstica

Governo Civil de Coimbra apela ao combate urgente

■ O tema “Violência doméstica e condições de trabalho” está hoje em debate, às 16h00, no Governo Civil de Coimbra, num encontro que tem a participação da secretária de Estado para a Igualdade, Elza Pais.

Trata-se da primeira de um conjunto de três sessões do “Fórum Empresas contra a Violência Doméstica”, organizado na sequência de uma reunião que recentemente juntou no Governo Civil dirigentes de associações empresariais e representantes de entidades como o Serviço de Violência Familiar do Centro Hospitalar Psiquiátrico de Coimbra e a Comissão de Protecção de Crianças e Jovens de Coimbra, com o apoio do Gru-

po Violência: Informação, Investigação, Intervenção.

Segundo o Governo Civil de Coimbra, nesse encontro, em que se analisou a relação entre «a violência doméstica e a qualidade de vida dos cidadãos, quer no foro privado quer profissional», os empresários comprometeram-se a colaborar na divulgação de informação, nos locais de trabalho, sobre a violência doméstica, bem como a ajudar a assegurar e facilitar a ida de trabalhadores a consultas relacionadas com esta problemática.

A sessão de hoje é moderada por Manuel Albano, vice-presidente da Comissão para a Igualdade do Género, e terá a participação, como oradores, de Manuel Lisboa, professor da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e director do Observatório Nacional de Violência e Género, que falará dos “Custos sociais e económicos da violência doméstica”; de

João Redondo, psiquiatra, coordenador do Serviço de Violência Familiar do Centro Hospitalar de Coimbra, que abordará o tema “Reconhecer a violência doméstica no local de trabalho”; e Luís Lopes, coordenador executivo para a Promoção da Segurança e Saúde no Trabalho da Autoridade para as Condições de Trabalho, a quem cabe a análise do tema “Violência doméstica vs segurança e saúde no trabalho”.

A violência contra as mulheres no espaço doméstico é apontada pelo Conselho da Europa como a principal causa de morte e invalidez entre mulheres dos 16 aos 44 anos. Uma problemática que, sublinha o Governo Civil de Coimbra, está associada a «custos sociais e económicos muito elevados, ao nível da saúde ou no plano de integração social e profissional», e que urge combater com o empenho e colaboração de todos, desde o Governo às autarquias, instituições e sociedade em geral. |

**DEBATE**

Violência doméstica e condições de trabalho

A PRIMEIRA de três sessões do fórum intitulado “Empresas contra a Violência Doméstica” tem lugar esta tarde no Governo Civil de Coimbra.

Sob o tema “Violência Doméstica e Condições de Trabalho”, a iniciativa conta com a presença na sessão de abertura da secretária de Estado para a Igualdade, Elza Pais.

Quanto ao painel, a moderação estará a cargo do vice-presidente da Comissão para a Igualdade do Género, Manuel Albano, contando com as intervenções de Manuel Lisboa (director do Observatório Nacional de

Violência e Género), João Redondo (coordenador do Serviço de Violência Familiar do Centro Hospitalar Psiquiátrico de Coimbra) e Luís Lopes (coordenador executivo para a Promoção da Segurança e Saúde no Trabalho da Autoridade para as Condições do Trabalho).

De acordo com o Conselho da Europa, a violência contra as mulheres no espaço doméstico é a maior causa de morte e invalidez entre mulheres dos 16 aos 44 anos, ultrapassando o cancro, acidentes de viação e até a guerra.

A.A.

Elza Pais: combate também é factor de competitividade

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 06-04-2010
Meio: Destak.pt
URL: <http://www.destak.pt/artigo/59448>

Violência doméstica

06 | 04 | 2010 20.19H

A secretária de Estado para a Igualdade, Elza Pais, disse hoje, em Coimbra, que o combate à violência doméstica "é um sinal de direitos humanos e de justiça, mas também fator de competitividade".

"Além de ser um problema de direitos humanos, combater a violência doméstica é também um imperativo económico e social. Se, num momento de crise, queremos ultrapassar a crise, aproveitando também esta oportunidade para criarmos uma nova organização económica e social, este problema tem de estar no centro das nossas preocupações", defendeu.

A secretária de Estado intervinha na abertura da 1.ª sessão "Violência Doméstica e Condições de Trabalho", que decorreu hoje no governo civil de Coimbra, no âmbito do fórum "Empresas contra a Violência Doméstica".

Dados internacionais avançados pela secretária de Estado indicam que, nos países desenvolvidos, 5 a 16 por cento de anos de vida saudável são perdidos pelas mulheres em idade reprodutiva quando são vítimas de violência doméstica. Por outro lado, os custos deste crime oscilam entre 1,6 e 2 por cento do PIB de um país.

"Combater a violência doméstica é garantir a sustentabilidade e o desenvolvimento de um país e as empresas que apostam neste combate têm visão de futuro, são empresas que sabem que não podem desperdiçar recursos humanos e as mulheres são centrais, não só por uma questão de justiça social, mas por uma questão de desenvolvimento e competitividade", frisou.

Para Elza Pais, "as empresas que apostam na diversidade de recursos - a primeira é a diversidade de género - são mais competitivas".

"As empresas que promovem a responsabilidade social e apostam na diversidade são mais

competitivas e uma das maneiras de o fazermos é lutarmos contra a violência doméstica", sustentou.

Na sua intervenção, a secretária de Estado reiterou o apelo à denúncia dos crimes de violência doméstica, considerando-a "um dever de cidadania".

"O Estado sozinho não será tão eficaz", sustentou, ao defender que todos se devem envolver nesta luta.

Um dos especialistas que participou na sessão, Manuel Lisboa, director do Observatório de Violência e Género, divulgou dados já anteriormente publicados sobre os custos directos e indirectos, sociais e individuais da violência doméstica.

"O que temos vindo a constatar é que as mulheres vítimas de violência doméstica são obrigadas a viver numa espécie de mundo paralelo, que afecta toda a sua vida e naturalmente tem implicações na esfera profissional", salientou o professor da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Já o psiquiatra João Redondo, coordenador do Serviço de Violência Familiar do Centro Hospitalar Psiquiátrico de Coimbra, defendeu a importância de no local de trabalho existir informação sobre este crime, sustentando ainda que todos os empregadores devem conhecer a rede de cuidados existente na sua área para responder a estas situações.

Na sessão participaram também Henrique Fernandes, governador civil de Coimbra, Luís Lopes, da Autoridade para as Condições de Trabalho, e Manuel Albano, vice-presidente da Comissão para a Igualdade de Género.

Destak/Lusa |

Vítimas gastam mais 140 euros em saúde

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 07-04-2010
Meio: Jornal de Notícias Online
URL: http://jn.sapo.pt/PaginaInicial/Nacional/Interior.aspx?content_id=1537413

Violência doméstica tem custos económicos. 15%do que se gasta deve-se ao absentismo no trabalho

A mulher vítima de violência doméstica tem um custo acrescido com a saúde de 140 euros por ano. O Sistema Nacional de Saúde paga 90%. Números apontados por Manuel Lisboa, director do Observatório Nacional de Violência e Género, ontem, em Coimbra.

Manuel Lisboa falava na primeira sessão do fórum "Empresas contra a Violência Doméstica", subordinada ao tema "Violência Doméstica e Condições de Trabalho". Uma iniciativa do Governo Civil de Coimbra que a secretária de Estado para a Igualdade, Elza Pais, que marcou presença, considerou "brilhante", por fornecer, pela primeira vez, um olhar sobre os reflexos da violência familiar no local de trabalho.

De acordo com Manuel Lisboa, ligado à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 15% dos custos com a saúde resultantes da violência doméstica deve-se ao absentismo no trabalho. Para que não restem dúvidas sobre o impacto do fenómeno na esfera profissional e nos cofres do Estado. "Há clara relação entre o que se passa em casa e o que se passa no trabalho", sublinhou.

Manuel Lisboa, estudioso da área, explicou que a mulher vítima de violência doméstica tem mais dificuldade em conseguir emprego e, se estiver empregada, muito menos probabilidades de ser promovido (também devido á sua debilitada auto-estima). Por outro lado, corre muito mais riscos de se despedir - por imposição do parceiro - ou de ser despedida.

Estudos demonstram, ainda, que os filhos das mulheres alvo deste tipo de violência têm maior probabilidade de adoecer.

"Hoje, deve meter-se a colher"

A violência tem custos económicos. Tanto que, segundo um estudo do Banco Interamericano de Desenvolvimento, citado pela secretária de Estado para a Igualdade, os custos totais oscilam entre 1,6

e 2% do Produto Interno Bruto (PIB) de uma nação. Elza Pais não duvida: "Combater a violência doméstica é reforçar a competitividade do país".

A governante explicou que as queixas por violência doméstica aumentam, de ano para ano, porque o fenómeno tem conquistado visibilidade. E, a seu ver, isso "significa que está a ser combatido". Em 2009, foram apresentadas 30543 queixas - uma média de 84 por dia -, o que se traduz num aumento de 10,4% em relação ao ano anterior, observou Elza Pais.

"Combater a violência doméstica é combater valores enraizados e lutar pelos direitos humanos", defendeu, ainda, a secretária de Estado para a Igualdade.

O mesmo é falar no velho dito popular, segundo o qual "entre marido e mulher não se mete a colher". "Hoje, deve meter-se a colher", realçou o governador civil de Coimbra, Henrique Fernandes, sem deixar de lembrar que, antes do 25 de Abril, a Lei concedia ao homem os direitos de devassar a correspondência da mulher e autorizá-la, ou não, a sair do país.

Se, há cerca de dez anos, o número de queixas apresentadas correspondia a 1% do cenário global, dados de 2007 mostram que subiu para 12%. Mas Manuel Lisboa põe o dedo na ferida: "A maioria continua a calar".

CARINA FONSECA,



Vítimas gastam mais 140 euros em saúde

Violência doméstica tem custos económicos. 15% do que se gasta deve-se ao absentismo no trabalho

— CARINA FONSECA
— sociedade@jn.pt

A mulher vítima de violência doméstica tem um custo acrescido com a saúde de 140 euros por ano. O Sistema Nacional de Saúde paga 90%. Números apontados por Manuel Lisboa, director do Observatório Nacional de Violência e Género, ontem, em Coimbra.

Manuel Lisboa falava na primeira sessão do fórum "Empresas contra a Violência Doméstica", subordinada ao tema "Violência Doméstica e Condições de Trabalho". Uma iniciativa do Governo Civil de Coimbra que a secretária de Estado para a Igualdade, Elza Pais, que marcou presença, considerou "brilhante", por fornecer, pela primeira vez, um olhar sobre os reflexos da violência familiar no local de trabalho.

De acordo com Manuel Lisboa, ligado à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 15% dos custos com a saúde resultantes da violência doméstica deve-se ao absentismo no trabalho. Para que não restem dúvidas sobre o impacto do fenómeno na esfera profissional e nos cofres do Estado. "Há clara relação entre o que se

passa em casa e o que se passa no trabalho", sublinhou.

Manuel Lisboa, estudioso da área, explicou que a mulher vítima de violência doméstica tem mais dificuldade em conseguir emprego e, se estiver empregada, muito menos probabilidades de ser promovido (também devido à sua debilitada auto-estima). Por outro lado, corre muito mais riscos de se despedir - por imposição do parceiro - ou de ser despedida.

Estudos demonstram, ainda, que os filhos das mulheres alvo deste tipo de violência têm maior probabilidade de adoecer.

"Hoje, deve meter-se a colher"

A violência tem custos económicos. Tanto que, segundo um estudo do Banco Interamericano de Desenvolvimento, citado pela secretária de Estado para a Igualdade, os custos totais oscilam entre 1,6 e 2% do Produto Interno Bruto (PIB) de uma nação. Elza Pais não duvida: "Combater a violência doméstica é reforçar a competitividade do país".

A governante explicou que as queixas por violência doméstica aumentam, de ano para ano, porque o fenómeno tem conquistado

Como identificar uma vítima de violência doméstica no local de trabalho

Há sinais que permitem identificar as mulheres vítimas de violência doméstica no local de trabalho. Além das lesões visíveis (atribuídas, regra geral, a quedas), podem usar roupas desadequadas para a estação do ano. Uma grávida triste também deve servir de alerta. Mas existem outros comportamentos a assinalar: o facto de chegarem atrasadas ou faltarem muito ao emprego, pedirem férias não marcadas, caírem no isolamento ou fazerem comentários que minimizam abusos e agressões. Mais pistas de que algo vai mal em casa? Os telefonemas constantes (e hostis), que têm relutância em atender. Ou os presentes e flores que parecem surgir no final de discussões conjugais continuadas. Quem o diz é João Redondo, psiquiatra, coordenador do Serviço de Violência Familiar do Centro Hospitalar Psiquiátrico de Coimbra e fundador do Grupo Violência: Informação, Investigação, Intervenção. Mais: as vítimas ficam "com uma cara para tudo".



Filhos das vítimas têm maior probabilidade de adoecer

visibilidade. E, a seu ver, isso "significa que está a ser combatido". Em 2009, foram apresentadas 30543 queixas - uma média de 84 por dia -, o que se traduz num aumento de 10,4% em relação ao ano anterior, observou Elza Pais.

"Combater a violência doméstica é combater valores enraizados e lutar pelos direitos humanos", defendeu, ainda, a secretária de Estado para a Igualdade.

O mesmo é falar no velho dito popular, segundo o qual "entre marido e mulher não se mete a co-

lher". "Hoje, deve meter-se a colher", realçou o governador civil de Coimbra, Henrique Fernandes, sem deixar de lembrar que, antes do 25 de Abril, a Lei concedia ao homem os direitos de devassar a correspondência da mulher e autorizá-la, ou não, a sair do país.

Se, há cerca de dez anos, o número de queixas apresentadas correspondia a 1% do cenário global, dados de 2007 mostram que subiu para 12%. Mas Manuel Lisboa põe o dedo na ferida: "A maioria continua a calar". ■

**■ ■ SECRETÁRIA DE ESTADO PARA A IGUALDADE PREOCUPADA****Violência doméstica custa dinheiro**

A secretária de Estado para a Igualdade, Elza Pais (na foto), disse ontem, em Coimbra, que o combate à violência doméstica "é um sinal de direitos humanos e de justiça, mas também factor de competitividade". "Se, num momento de crise, queremos ultrapassar a crise, aproveitando também esta oportunidade para criarmos uma nova organização económica e social, este problema tem de estar no centro das nossas preocupações", defendeu. Dados internacionais avançados pela secretária de Estado indicam que, nos países desenvolvidos, 5 a 16% de anos de vida saudável são perdidos pelas

mulheres em idade reprodutiva quando são vítimas de violência doméstica. Por outro lado, os custos deste crime oscilam entre 1,6 e 2% do PIB de um país.





ID: 29610397

07-04-2010

VIDA A violência doméstica é (também) uma questão de competitividade

Empresas dizem não à violência

A qualidade de vida pessoal interfere na qualidade de vida profissional. E porque assim é, torna-se necessário tomar medidas. O primeiro passo está dado. O combate, segundo Elza Pais, não é só do estado, pelo que é necessário que “todos se envolvam”.

► Raquel Mesquita

Maria chega atrasada ao trabalho, já se tornou costume. Tem o corpo marcado pela pancada, mas não se vê. Maria sofre em silêncio e as obrigações laborais ficam para trás. Um dia, depois outro. Semanas feitas de horas perdidas. Conclusão: a violência doméstica é também uma questão de produtividade.

O Governo Civil de Coimbra deu o primeiro passo. O Fórum “Empresas contra a Violência Doméstica” é a prova de que numa altura de crise é preciso tomar medidas. Os empresários alinham no desafio.

“Hoje a violência doméstica é também um problema da esfera pública e que põe



DB-LUIS CARREGA

ELZA PAIS foi a anfitriã da primeira sessão do Fórum Empresas contra a Violência Doméstica

em causa o aproveitamento profissional”, defende o governador civil do distrito de Coimbra, Henrique Fernandes. Aliás, os números falam por si. Mulheres vítimas de

violência doméstica perdem um em cada cinco dias úteis de trabalho. E os custos representam para o país entre 1,6 a 2 por cento do PIB.

Maria, Inês, Joana. No-

mes à parte a luta pela defesa dos direitos humanos é hoje um combate “com rosto de mulher e com rosto de homem”. A secretária de Estado da Igualdade, Elza Pais,

garante que a denúncia de casos de violência é sobretudo “um dever de cidadania”.

Os números continuam a aumentar. Diariamente, 84 pessoas - 20 por cento são homens - apresentam queixa às forças de segurança. A vergonha da denúncia começa a ficar para trás.

“Este combate deve ser levado a cabo pelo Estado, é preciso que todos se envolvam. É também uma das prioridades da presidência da União Europeia”, justifica a secretária de Estado.

Ontem, no governo civil ficou provado que é necessário que as empresas tenham uma visão de futuro. Uma visão que passa por não desperdiçar os recursos humanos. E se dúvidas há, Elza Pais clarifica: “As empresas

que promovem a responsabilidade social são empresas competitivas”.

O fórum não vai ficar por aqui. Ainda sem data marcada, o governo civil vai continuar a debater a questão. Direitos humanos, justiça e competitividade. A mensagem está lançada: não à violência.



Desde 2000 que a violência doméstica é um crime público. Desde então o número de queixas não pára de aumentar. Diariamente, são apresentadas 84 queixas, 20 por cento são feitas pelo sexo masculino.

Combater violência doméstica contribui para a competitividade

A secretária de Estado para a Igualdade defendeu que, “num momento de crise, este problema tem de estar no centro das nossas preocupações”

João Henriques

Elza Pais, secretária de Estado para a Igualdade, afirmou, ontem, no Governo Civil de Coimbra, que combater a violência doméstica é, mais do que «um sinal de direitos humanos e de justiça, um factor de competitividade». A afirmação foi proferida na cerimónia de abertura da sessão “Violência Doméstica e Condições de Trabalho”, a primeira de três do Fórum “Empresas contra a Violência Doméstica” promovido pelo Governo Civil de Coimbra e pelo Grupo Violência: Informação, Investigação, Intervenção.

«Além de ser um problema de direitos humanos, combater a violência doméstica é um imperativo económico e social. Se, num momento de crise, queremos ultrapassar a crise, aproveitando também esta oportunidade para criarmos uma nova organização económica e social, este problema tem de estar no centro das nossas preocupações», defendeu Elza Pais, que revelou dados internacionais para dar conta que os custos deste crime variam entre 1,6 e 2 por cento do Produto Interno Bruto de um país.

«Combater a violência doméstica é garantir a sustentabilidade e o desenvolvimento de um país e as empresas que apostam neste combate têm visão de futuro, são empresas que sabem que não podem desperdiçar

recursos humanos e as mulheres são centrais, não só por uma questão de justiça social, mas por uma questão de desenvolvimento e competitividade. As empresas que apostam na diversidade de recursos são mais competitivas», frisou, antes de apelar à denúncia deste crime público e ao trabalho conjunto, uma vez que «o Estado sozinho não conseguirá ser tão eficaz».

Segundo Elza Pais, «neste momento, todos os dias, 84 pessoas apresentam queixa por violência doméstica», sendo que «20 por cento são homens». Na sua intervenção, Henrique Fernandes falou de «um problema de todos nós», com o governador civil de Coimbra a destacar, também, os reflexos da violência doméstica na produtividade no trabalho e na competitividade das empresas, defendendo que, «hoje em dia, entre marido e mulher deve meter-se a colher».

VIOLENÇA DOMÉSTICA INFLUENCIA VIDA PROFISSIONAL

Aproveitando um número avançado na intervenção do sociólogo Manuel Lisboa, que revelou que as vítimas de violência doméstica têm 393 por cento mais de probabilidades de tentarem o suicídio, valor que não inclui as tentativas sob o efeito do álcool, o psiquiatra João

Redondo reforçou que «as pessoas não bebem para se suicidar», acrescentando que, perante a violência doméstica, «perdem-se as máscaras e fica-se com uma face para tudo». O coordenador do Serviço de Violência Familiar do Centro Hospitalar Psiquiátrico de Coimbra anunciou, ainda, que «as crianças expostas à violência doméstica têm seis vezes mais risco de poderem vir a morrer antes dos cinco anos».

“Obrigadas a viver num mundo paralelo”

Baseando-se num estudo sobre os custos da violência praticada contra as mulheres, que deu origem ao livro “Prevenir ou Remediar”, publicado em 2006, Manuel Lisboa deu conta que «uma mulher vítima de violência doméstica tem um custo acrescido com a saúde de 140 euros por ano», sendo que «90 por cento [127 euros] daqueles custos são suportados pelo Serviço Nacional de Saúde».

De seguida, o director do Observatório Nacional de Violência e Género divulgou que «15 por cento dos custos com a saúde relativos à violência doméstica são imputáveis ao absentismo no trabalho». Manuel Lisboa revelou as probabilidades das vítimas deste fenómeno terem dificuldade em arranjar emprego (69 por cento mais provável), dificuldade em ser promovidas (74 por cento) e despe-



ELZA PAIS apelou à denúncia deste crime público e ao trabalho conjunto

dimento e/ou auto-despedimento (107 por cento).

«O que temos vindo a constatar é que as mulheres vítimas de violência doméstica são obrigadas a viver numa espécie de mundo paralelo, que afecta toda a sua vida e naturalmente tem implicações na esfera profissional», observou o professor da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, antes de divulgar que as vítimas de violência doméstica têm maior apetência para «o desespero, sentir o vazio, o desânimo e a auto-desvalorização», assim como têm «maior ideação suicida [121 por cento mais provável entre as vítimas de violência doméstica]».

Manuel Lisboa assumiu que «a violência doméstica já não é só um problema de direitos humanos, é um problema político», enquanto João Redondo

defendeu que a denúncia destes casos «não é intrusão nenhuma na vida do outro», destacando a importância de existir no local de trabalho informação sobre este crime e sustentando que todos os empregadores devem conhecer a rede de cuidados existente na sua área para responder a estas situações. No debate moderado por Manuel

Albano, vice-presidente da Comissão para a Igualdade de Género, Luís Lopes, coordenador executivo para a promoção da segurança e saúde no trabalho da Autoridade para as Condições de Trabalho, sublinhou que, «se queremos abordar este problema em contexto laboral, temos de incluir as empresas e os sindicatos».



FÓRUM EM COIMBRA P3

Violência doméstica também afecta a economia

Especialistas analisaram incidências e reflexos na vida profissional